

OLHARES DE/SOBRE UM ADOLESCENTE SURDO

Kátia Terumi Matsuvara KITAGAWA
(Orientadora): Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti

RESUMO: Baseada em um estudo de caso sobre um adolescente surdo, a presente pesquisa, de orientação etnográfica, focalizará identidades construídas por ele e por profissionais que com ele atuam em um ambiente de apoio à escolarização como, por exemplo, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, entre outros. Os registros que serão utilizados são provenientes de diários de campo e de fichas/relatórios que trazem o histórico do adolescente na instituição.

Palavras-chave: Surdez – Identidades – Língua de sinais.

Introdução

Vivemos em uma sociedade onde o que é convencionalizado como padrão é bem visto, melhor; enquanto o que foge do padrão, ou seja, o diferente, é estranho e inferior. Por isso, sempre fora mais fácil tentar normalizar o diferente e, se isso não fosse possível, escondê-lo era a melhor solução. O esconder pode ser entendido como invisibilizar (Ver Cavalcanti, 1999a, entre outros autores) e essa invisibilização é comum quando se trata de grupos minoritários ou minoritarizados (Ver César & Cavalcanti, 2007).

O que está fora do padrão, portanto, é construído como “anormal” (Foucault, 2001), e nessa anormalidade a sociedade encaixa, por exemplo, os portadores de necessidades especiais, incluindo os surdos. No caso específico deste estudo, o foco está na população surda e, dentro desse segmento, em um adolescente surdo.

O surdo é visto como diferente dos ouvintes e, portanto, fora da “normalidade”. Historicamente há várias tentativas de “normalizá-lo”, entre elas, a utilização de “uma metodologia oralista, que visava ao ‘treino’ auditivo e à oralização, com o intuito de permitir ao aluno surdo a possibilidade de cursar a escola regular”. (Cavalcanti & Silva, 2007:233).

Ao apresentar o surdo como diferente dos ouvintes, há uma tendência homogeneizadora de mostrá-los todos como sendo iguais, apagando as diferenças sociais, econômicas, de gênero e, principalmente, seus posicionamentos em relação à surdez, às línguas com as quais convive ou deveria conviver. Há, portanto, os que se vêem como surdos, aprendem a língua de sinais, têm orgulho de sua(s) cultura(s) e identidade(s) e os que não se vêem como surdos, que podem rejeitar a língua de sinais e buscar a oralização.

Um dos textos de interesse para a realização desta pesquisa, entre outros (Ver Cavalcanti, 1999; Cuche, 1999; Maher, 2007) é o texto de Santana e Bergamo (2005), pois discute sobre a inviabilidade de se generalizar a cultura e a identidade do surdo como surdas. Também focaliza a necessidade de tratar o grupo como heterogêneo e não tratar suas características como válidas para o grupo todo.

No levantamento realizado até agora, há poucos estudos de caso, alguns dos que existem são, geralmente, de surdos que estão em idade escolar ou ainda de grupos de surdos.

Sabendo da escassez¹ ² de estudos visando à particularidade do indivíduo em um grupo tão heterogêneo, este trabalho pretende dar uma contribuição para essa área pouco estudada a partir de um estudo de caso sobre um adolescente surdo, único e distinto.

A motivação para fazer um estudo sobre esse adolescente em específico surgiu em razão das falas a respeito dele por parte de diversas pessoas na instituição e também, devido ao fato de ele e seus pais rejeitarem a língua de sinais e tentarem apagar sua surdez. Entendeu-se que havia aí um ponto a ser explorado em pesquisa.

O trabalho será guiado pela pergunta de pesquisa: Como as identidades desse adolescente surdo são construídas por ele e por profissionais que com ele interagem em um ambiente de apoio à escolarização? A base da observação (registrada em diários de campo) serão conversas informais com alguns desses profissionais e com parentes do adolescente e também fichas/relatórios que registram seu histórico na instituição. Algumas conversas foram realizadas após os atendimentos ao adolescente, outras aconteceram casualmente, por exemplo, a conversa com um parente ocorreu porque a pesquisadora estava presente no momento em que esse parente foi recebido pelo responsável pelo atendimento pedagógico que precisava explicar como o trabalho estava sendo feito e pedir

¹ Segundo Silva (2005), há uma falta de estudos na área de Surdez e Escolarização. Apenas a partir de meados da década de 1990, com estudos sobre a língua de sinais, é que um houve o aumento de estudos na área. Porém, é relevante lembrar que, ao mesmo tempo em que portas se abriam, o grupo ainda era considerado como problema, pois a maioria dos profissionais que trabalhavam com eles não sabiam lidar com um surdo na sala de aula e também não tinham o interesse de procurar estudar o que havia sobre o assunto, aprender LIBRAS, mobilizar a escola – afinal, a escola foi pensada para atender ao grupo ouvinte, os surdos que precisavam se adaptar. Por isso, atualmente, alguns dos estudos estão se dirigindo não apenas para informar que os surdos estão sendo visibilizados, mas também para educar o entorno (Maher, 2007), para problematizar o que tem decorrido desse fato. Outros têm se dirigido para orientar os profissionais que poderão vir a trabalhar com portadores de necessidades especiais, pois muitos não sabem o que fazer, mas têm interesse em aprender.

² A maioria dos estudos produzidos na área de surdez vem sido construída por ouvintes. Ainda não há muitas pesquisas de dentro do próprio grupo de surdos (Sacks, 1999).

ajuda para que o adolescente não faltasse mais nos dias de consulta com os fonoaudiólogos.

Metodologia de Pesquisa

Este estudo, de cunho etnográfico, pretende se encaixar em uma metodologia de pesquisa interpretativista alinhado às propostas de Erickson (1986) e de Denzin & Lincoln (1998). Baseada na observação continuada em trabalho de campo, a geração de registros foi planejada para ser realizada através de diários de campo (Winkin, 1998) da pesquisadora e para ser complementada por entrevistas e/ou conversas informais com familiares e pessoas que trabalhassem com o adolescente surdo, além de relatórios descritivos por diversos profissionais que também tiveram contato com o menino. O desenho (flexível) da pesquisa abre a possibilidade de gerar outros registros, por exemplo, com levantamento de documentação pertinente, caso seja viável.

A graduanda entende pesquisa de orientação etnográfica como uma pesquisa que se baseia principalmente na observação e interpretação de eventos ocorridos dentro do campo. A interpretação é feita com base na análise de dados gerados durante a observação. Ao entrar no campo, os pesquisadores tendem a sentir familiarização ou estranhamento a ele. A partir disso, procura-se “estranhar o familiar” e “familiarizar-se com o estranho”. Na procura por situações familiares ou estranhas, os pesquisadores podem se guiar por perguntas como: “O que está acontecendo aqui?”, “O que isso significa para os atores sociais envolvidos?”, “Que relações podem ser estabelecidas no contexto e fora dele?” e “Que interpretações podem ser construídas?” (Erickson, 1986). A segunda questão foi de extrema importância para a escolha do tipo de metodologia, pois contempla os pontos de vista dos participantes da pesquisa e, neste trabalho, é fundamental saber como as pessoas que conviveram com o adolescente construíram sua identidade e como ele próprio a construiu. Neste trabalho, os pontos de vistas guiarão a pesquisadora para a construção de respostas à pergunta de pesquisa e interpretações.

Durante a observação em campo, é relevante que o pesquisador saiba que ele pode encontrar dificuldades na interação com os atores envolvidos. Pode acontecer de o pesquisador não conseguir mais separar a pesquisa da convivência normal com os participantes, pois ele poderia passar a se sentir parte do campo observado. E também pode acontecer a situação inversa, onde o mesmo pode não conseguir se aproximar dos participantes da pesquisa e isso o deixar desconfortável enquanto a estiver realizando.

Arcabouço Teórico

A análise de dados tem como apoio, entre outros trabalhos, o texto de Santana e Bergamo (2005) publicado na revista *Educação e Sociedade*, principalmente em relação aos conceitos de **culturas e identidades** em contexto de surdez. A contribuição do texto está na problematização desses conceitos plurais que indicam a complexidade desse mundo surdo.

A fronteira para esses conceitos de identidade, não somente no caso dos surdos, mas para o ser humano em geral, é muito móvel, pois há que se levar em consideração o fato de ela ser fluida e não poder ser definida somente através de dicotomias.

Na discussão desses conceitos, será importante também o texto do antropólogo Denys Cuche (1999). O autor defende que cultura e identidade são termos distintos, que “a cultura depende em grande parte de processos inconscientes”, enquanto “a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”. O autor discute em sua concepção de identidade a questão da alteridade (a construção em oposição ao Outro) e a questão da fluidez (o trânsito constante entre identidades). Este ponto interessa particularmente ao trabalho no olhar sobre as identidades fluidas do adolescente surdo.

Outra questão relevante para o trabalho que também vem do texto de Cuche é a imposição de uma identidade fixa para o grupo minoritário pela sociedade. De acordo com o autor, “Há o desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos” (p.175), isso será explorado na argumentação contra a necessidade que se tem em classificar os surdos dentro da cultura e identidade surdas.

Também será relevante para a análise de dados considerar a área da surdez como um contexto potencialmente bilíngüe e minoritário (Cavalcanti, 1999b). Como no Brasil a língua oficial é o português, no caso do surdo, em teoria, sua primeira língua ³seria a língua de sinais e a segunda, o português. Segundo a mesma autora, geralmente, os contextos bilíngües têm sido invisibilizados pela sociedade (Cavalcanti, 1999a) devido à necessidade de se ter uma única língua padrão – monolingüismo (Cavalcanti, 1996). Por esse motivo, as outras línguas que geralmente são de minorias – sendo que, algumas são maiorias consideradas minorias – e que tendem a ser de tradição oral são estigmatizadas, apagadas e invisibilizadas. Para este trabalho, portanto, será relevante o conceito de **invisibilização**.

³ Como apontam Cavalcanti & Silva (2007), a questão sociolingüística é bem mais complexa, pois pode incluir mais línguas.

Um último conceito que será utilizado neste trabalho é o de **normalização**. Este será entendido como “uma operação de ajustes de um indivíduo ou de uma sociedade a determinadas normas”, assim como definido por Silva (2000). Será utilizado este termo para contrapor com a idéia de Foucault (2001) quanto a sua fala sobre “anormal”, pois para ajustar um indivíduo surdo ao padrão ouvinte, tenta-se normalizar o “anormal”.

Cronograma

Tarefa /Tempo	Março/ Junho 2007	Julho/ Dezembro 2007	Março/ Junho 2008	Julho/ Dezembro 2008
Leitura e fichamento da bibliografia básica sobre etnografia e trabalho de campo	X	X		
Definição da área de interesse	X			
Leitura e fichamento da bibliografia básica sobre estudos de surdez	X	X	X	
Solicitação de autorização para entrada em campo	X			
Frequência a aulas de LIBRAS	X	X		
Observação em campo	X	X	X	
Leitura e fichamento da bibliografia sobre análise de dados		X	X	
Leitura inicial dos registros gerados		X	X	X
Novos registros gerados		X	X	
Definição da pergunta de pesquisa			X	
Leitura e fichamento da bibliografia direcionada para a pergunta de pesquisa			X	
Levantamento de fichas e relatórios sobre o histórico adolescente na instituição		X		
Organização dos registros para a análise de dados			X	
Análise de dados				X
Redação da monografia				X
Revisão				X
Apresentação da monografia				X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAVALCANTI, M. C. (1996). "Collusion, Resistance And Reflexivity: An Indigenous Teacher Education In Brazil". In: *Linguistics and Education*, v. 8, n. 2, p. 175-188, Estados Unidos.
- ____ (1999a). "Estudos sobre a educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil". In: *Revista DELTA*, v. 15, n. Especial, p: 385-471.
- ____ (1999b). Entrecruzamento de Vozes e Representações: o professor e a escola na comunidade (Bilingüismo e/ou bidialetalismo em contextos de tradição oral, minoritários ou majoritários com tratamento de minorias). Plano de trabalho/ projeto de pesquisa apresentado ao CNPQ na modalidade Bolsa Produtividade (Auxílio Integrado à Pesquisa).
- CAVALCANTI, M. C. e SILVA, I. (2007). "“Já que ele não fala, podia ao menos escrever...”": O grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo." In: CAVALCANTI, M. C. e KLEIMAN, A. B. (orgs.). *Lingüística Aplicada: Suas Faces e Interfaces*, Mercado das Letras, São Paulo.
- CÉSAR, A. L. e CAVALCANTI, M. C. (2007). "Do singular para o multifacetado: O conceito de língua como caleidoscópio". In: Cavalcanti, M. C., Bortoni-Ricardo, S.M.. (orgs.). *Transculturalidade, Linguagem e Educação*, Mercado de Letras, Campinas.
- CUCHE, D. (1999). "Cultura e Identidade". In: _____. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, EDUSC, Bauru.
- DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. (1998), "Entering the field of qualitative research", In: _____. *The landscape of qualitative research: Theories and issues*, Publications, Londres, Nova Delhi: Sage.
- EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I. e SHAW, L. L. (1995). "Writing up fieldnotes I: from field to desk". In: _____. *Writing ethnographic fieldnotes*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres.
- ____. "Writing up fieldnotes II: creating scenes on the page". In: _____. *Writing ethnographic fieldnotes*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres.
- ERICKSON, F. (1986). "Qualitative Methods in Research on Teaching". In: WITTROCK, M. (org.). *Handbook of Research on Teaching: A project of the American educational research association*, Macmillan, Nova Iorque.
- FOUCAULT, M. (2001). *Os anormais*, Martins Fontes, São Paulo.
- FRIEDMAN, T. (1991). "Feeling". In: ELY, M. et al. *Doing Qualitative Research: Circles Within Circles*, Routledge, Londres e Nova Iorque.
- GARNER, D. (1991). "Interpreting". In: ELY, M. et al. *Doing Qualitative Research: Circles Within Circles*, Routledge, Londres e Nova Iorque.
- MAHER, T. M. (2007). "A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo" In: CAVALCANTI, M. C. e KLEIMAN, A. B. (orgs.). *Lingüística Aplicada: Suas Faces e Interfaces*, Mercado das Letras, São Paulo.
- SACKS, O. (1999). *Vendo Vozes*, Companhia das Letras, São Paulo.
- SANTANA, A. P. e BERGAMO, A. (2005). "Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas". In: *Educação e Sociedade* (CEDES), Campinas.
- SILVA, I. (2005). *As representações do surdo na escola e na família: entre a (in)visibilização da diferença e da "deficiência"*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SILVA, T. T. (2000). "A produção social da identidade e da diferença". In: *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*, Editora Vozes, Petrópolis.
- STEINMETZ, A. M. (1991). "Doing". In: ELY, M. et al. *Doing Qualitative Research: circles within circles*, Routledge, Londres, Nova Iorque e Filadélfia.

WINKIN, Y. (1998). "Descer ao Campo". *In: _____*. *A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo*, Papirus Editora, Campinas.